

EXPRESSÕES DAS CULTURAS URBANAS JUVENIS – JOVENS GRAFFITERS DE LISBOA

MAGUETA, Lúcia Grave

Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação

RESUMO

Em qualquer percurso que façamos pela cidade de Lisboa, o nosso olhar cruza inevitavelmente com vestígios de alguém que assinalou a sua passagem com inscrições ora indecifráveis, ora reveladoras de nomes e transmissoras de mensagens, que se materializam em códigos de expressão pelos quais sentimos forte incompreensão.

Os muros, as paredes e o mobiliário urbano são os suportes destas pinturas que por vezes podem ser encontradas nos locais mais inóspitos e revelam o desconforto e o risco a que se sujeitaram os seus autores, uma vez que as normas legais os podem penalizar.

Considerando a prática da pintura de graffitiis uma cultura urbana juvenil, este trabalho teve por objectivo traçar o perfil dos jovens graffitiers que actuam na zona de Lisboa.

Tendo por base um enquadramento teórico em que foram abordados alguns temas do desenvolvimento sócio-cognitivo do adolescente; alguns conceitos subjacentes às práticas das chamadas culturas urbanas juvenis; o aparecimento e evolução do graffiti enquanto linguagem urbana e a sua tipologia; as práticas da cultura graffiti e as formas como ela se tem manifestado em Portugal, particularmente na cidade de Lisboa, foram entrevistados catorze graffitiers dos 14 aos 19 anos utilizando a *internet interviewing*.

Os resultados obtidos permitiram identificar alguns aspectos da prática da pintura de graffitiis e da vida de adolescentes graffitiers, nomeadamente, alguns dados pessoais, familiares e escolares; algumas características específicas dos jovens graffitiers, e as suas relações com o grupo.

PALAVRAS-CHAVE

Aolescência; culturas urbanas juvenis; graffiti.

O que é o graffiti?

O termo «graffiti», termo anglo-saxónico que tem origem na palavra grega «graphein» (escrever), designa a escrita de palavras e o desenho de figuras nas paredes. O termo «graffiti» é também o plural do substantivo italiano «graffito» (Dennant,1997). Na língua portuguesa, a designação equivalente será «grafito» no singular e «grafitos» no plural. No entanto, entre nós, estas expressões não vingaram

utilizando-se na linguagem corrente o termo «graffiti», firmado de uma inegável universalidade.

De acordo com Gejo (s.d.), os mais antigos exemplos de graffiti situam-se na Pré-História, tendo sempre acompanhado a evolução do Homem. Nas palavras deste autor, «graffiti é todo o risco, rabisco, traço (ordenados ou não), linhas e formas, feitos em qualquer suporte que dê características de inscrição urbana». Para Gejo, o graffiti é um meio de (1) reivindicação de direitos, (2) de se expressar o que se pensa, (3) de expressão artística, (4) de mostrar o que outros meios de comunicação não mostram, (5) de denunciar questões sociais, (6) de propaganda de vários tipos, ou (7) simplesmente, de alguém registar a sua passagem por um local.

Para Dennant (1997) o graffiti representa o desejo e a necessidade de comunicação do Homem estando a sua história associada aos seus primeiros actos comunicativos, entre eles, o desenho. Ferrão (2001, p.160) apelida de «cavernas suburbanas» as paredes onde, nas suas palavras, são «desenhados os contornos de formas de animais do grande espectáculo, referências a banda desenhada, grafismos de capas de discos, palavras soltas de letras de canções, um pseudónimo como assinatura, talvez com o propósito de marcar território, gravar um sinal numa superfície, talvez o único momento em que se chegou a ser pessoa».

O graffiti reveste-se de uma linguagem única que invade a estética dos espaços urbanos e que importa compreender.

Nestas inscrições podemos identificar essencialmente letras, por vezes acompanhadas de outros elementos figurativos, que pelo interesse visual que possuem, conseguem captar a nossa atenção e envolver-nos numa situação de comunicação. Esta forma de comunicação que se traduz pela inscrição de elementos verbais e pictóricos, através da vontade expressiva de um emissor anónimo, define o graffiti.

O mobiliário urbano (cabines telefónicas, paragens de autocarro, etc.) é também invadido por inscrições, que serão apenas traços furtivos, mas que pela natureza dos suportes, de utilidade pública, estão mais perto do contacto físico com os cidadãos e consequentemente causam perturbação. Em ambos os modos de intervenção, é ténue a fronteira entre o acto de expressão artística e o acto de vandalizar. A leitura das palavras não elucida os transeuntes e o desconhecimento do seu significado faz com que as consideremos meras junções de letras.

O graffiti: arte ou vandalismo?

«O graffiti: arte ou vandalismo?» esta é a questão-chave que rodeia todo o fenómeno da expansão do graffiti e sobre a qual importa expor algumas ideias. É certa a complexidade da definição de “arte” e são certos os questionamentos que suscitou ao longo da evolução da Humanidade. Os produtores de artefactos visuais sempre propuseram novas alternativas e colocaram em causa o que antes era aceite, e foi através deste processo de negação e assimilação que novas técnicas e novos significados se construíram e entraram na esfera da arte da chamada «alta cultura».

Para Marques *et al.* (1999, p.204) a concepção do graffiti enquanto arte «baseia-se na valorização do jovem, a partir de elementos, como a produção criativa, o invulgar domínio de técnicas envolvidas, o arrojo estético investido e a dimensão evolutiva da sua carreira artística».

Apresentam-se de seguida algumas ideias cujo sentido pode configurar alguns argumentos que dão respostas à «questão-chave» apresentada:

- Identifica-se no graffiti uma preocupação com os aspectos formais e estéticos das suas representações;
- Há um processo de criação, de composição que é recebido por um colectivo;
- Através dos seus trabalhos, os graffiters procuram criar algum impacto e uma ligação com o meio social em que se inserem ou do qual se excluem;
- São utilizados elementos visuais de todo o universo que nos rodeia enquanto membros de uma sociedade global;
- O discurso acontece através da imagem que se assume como objecto social e cultural;
- Há uma adesão por parte do público, o que pode aproximar as pinturas da legitimação.

Estes podem ser alguns aspectos que aproximam o graffiti e a «arte» e esbatem as fronteiras entre a chamada «alta cultura» e a «cultura popular». No entanto, a natureza do graffiti enquanto manifestação artística de massas, assume-se como estando fora dos discursos dominantes e configura-se num discurso marginal. Tal como foi apresentado anteriormente, o que constrói a identidade e o que constrói a «pertença» é o conjunto de referentes que permitem fazer a leitura das diferentes realidades. É neste contexto que ser praticante da pintura de graffiti pode também significar ser emissor de uma linguagem de margem.

As condições de recepção das mensagens veiculadas pelo graffiti distanciam-se das que são veiculadas pelos objectos artísticos representantes dos discursos dominantes, pois os receptores são interpelados pelo graffiti que «vive» no espaço urbano e não possuem referentes que lhes permitam descodificar essas mensagens. Enquanto artistas, os graffiters não têm acesso ao momento de recepção das suas obras e perdem o controle sobre o acesso a essas mesmas obras, uma vez que estas pertencem a estruturas não organizadas (ao contrário das restantes expressões que «vivem» em museus ou galerias de arte). Neste sentido, poder-se-á dizer que estamos perante uma “subcultura visual”, pois, para além de ser uma manifestação não legitimada utiliza uma linguagem icónica cuja descodificação tem um acesso restrito.

Para Lara (1996, pp.61-62) o graffiti utiliza elementos da comunicação e da arte de uma forma integrada. Por isso, deve ser entendido como uma forma de comunicação urbana cuja «interferência artística» lhe confere um estatuto. Este autor refere que «alterar, comentar, interferir, marcar uma diferença» são intenções concretizadas através das *tags*, das letras grafitadas ou dos graffitis propriamente ditos e que, a efemeridade deste tipo de manifestações «guarda características e tensões próprias dos meios urbanos contemporâneos».

Durante os anos oitenta, alguns eventos marcaram a afirmação do graffiti enquanto expressão artística. Ferrão (2001, p.164) identifica alguns destes acontecimentos considerando que estes transportaram o graffiti para os «circuitos tradicionais de legitimação da “boa arte”»: a exposição colectiva «Times Square Show» realizada no South Bronx em Nova Iorque; a exposição «Events» realizada no New Museum de Nova Iorque; a exposição «Graffiti Art – Artistes Américains et Français» realizada no Musée National des Monuments Français; as exposições com a modalidade de graffiti, realizadas no Museu Boymans-van Beuningen em Roterdão; e a presença do graffiti na «Documenta» realizada em Kassel na Alemanha.

A exposição intitulada «High and Low: Modern Art and Popular Art» realizada no início da década de 90 no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, reuniu o graffiti e obras de artistas consagrados do Modernismo. Este acontecimento procurou estabelecer paralelismos entre a «arte elitista modernista e aspectos da cultura popular, entendida como cultura de massas e dar a perceber até que ponto existem “contaminações” num e noutra sentido» (Varnedoe & Gopnik (1990) cit.por Ferrão, 2001, p.156).

A chamada «alta cultura» engloba um conjunto de consumidores visuais que tendem a negar o acesso das massas à sua cultura. Nas palavras de Ferrão (*op.cit.*, p.160), «a cultura concebida pelas instituições oficiais regra geral opõe-se a uma cultura produzida pelos próprios cidadãos». Este autor refere também que as manifestações culturais fora do âmbito das instituições oficiais são «olhadas com suspeita, pois a ausência de enquadramento e controlo pode ser articulada com a suspeição de rupturas do discurso instituído» e que este facto se constitui como a «antítese da visão multicultural que hoje se vive nas grandes cidades», onde as actividades culturais deviam funcionar como elemento de integração e aglutinação e não de segregação. Por outro lado, o graffiti cresce nas cidades e muitas vezes causa danos, este facto torna ténues os limites entre o graffiti visto como forma de expressão artística e o graffiti visto como acto de vandalismo. Esses danos tornam questionável a estética desta manifestação artística e o conteúdo desta forma de intervenção urbana, ocasionando medidas de protecção ao património construído.

Para Marques *et al.* (1999, p.206) os jovens graffiters vivem num paradoxo, pois «ultrapassam dicotomias, integrando o crime e arte, transgressão e sedução estética ou marginalização e aceitação pública». Relativamente à questão-chave que se colocou, a resposta parece ser o impasse. É inegável que para muitas pessoas o graffiti se afigura como um acto de vandalismo para o qual se devem reclamar punições. É também inegável que para outros, o graffiti é uma forma de expressão artística, ou antes, um fenómeno artístico da contemporaneidade que reflecte a sociedade em que vivemos.

Quem e como são os jovens graffiters de Lisboa?

Dados pessoais, familiares e relação com a escola

Os dados pessoais obtidos neste estudo (Magueta, 2004) permitem traçar e conhecer o perfil de alguns graffiters que actuam na zona de Lisboa. Estes dados mostram que os intervenientes na prática da pintura de graffiti se encontram, principalmente, na adolescência; pertencem ao sexo masculino, são geralmente lusos, e têm uma inserção social «normal», isto é: (1) vivem com os seus pais e irmãos, (2) frequentam a escola, predominantemente ao nível do Ensino Secundário, e (3) mantêm relações de amizade com outros jovens da sua idade, com os quais desenvolvem diversas actividades.

No que respeita ao estatuto sócio-económico dos seus pais, os dados obtidos englobam um vasto espectro de profissões e de habilitações académicas. A maior parte dos pais exerce profissões ligadas aos «serviços»; a maior parte das mães exerce a profissão de «doméstica». As habilitações académicas da maior parte situa-se ao nível da «antiga 4ª classe». Quase todos os participantes deste estudo moram em apartamentos e têm quarto próprio. Um outro aspecto a assinalar é que todos possuem equipamento informático, com acesso à Internet.

A maior parte dos graffiters que participaram neste estudo refere ainda não saber que profissão pretende exercer no futuro. Alguns mencionam várias profissões que implicam estudos ao nível do ensino superior, tais como arquitecto, *webdesigner*, engenheiro informático, entre outras. Manifestam, ainda, a vontade de ter uma profissão que de alguma forma esteja associada ao graffiti, ou pelo menos, a competências nele envolvidas, como as técnicas de desenho e a criatividade.

Os dados obtidos indicam que os graffiters exercem outras actividades nos seus tempos livres, nomeadamente, o desporto, outras expressões artísticas (relacionadas com a música, a dança, etc.) e a informática. Algumas actividades fazem parte de outras expressões do movimento *Hip Hop* como a prática do *breakdance* e a composição de música *rap*. Contudo, os hobbies mais mencionados são «navegar» na internet, fazer *webdesign* e jogar no computador.

Habitualmente, os pais têm conhecimento da situação dos seus filhos relativamente à prática da pintura de graffiti. De acordo com os jovens da nossa amostra, face a esta realidade, os pais tomam diferentes posições: (1) uns opõem-se, pois temem os perigos que os seus filhos podem correr e pressionam-nos para que abandonem esta prática; (2) outros aprovam e apoiam, pois apreciam graffiti e acham que estes dão vida a certas zonas da cidade; (3) alguns revelam-se indiferentes ou tolerantes, parecendo ignorar os comportamentos que os seus filhos exibem.

Enquanto alunos, os jovens graffiters têm um aproveitamento escolar «médio», uma «boa» relação com a escola e frequentam diversas áreas de estudo. As suas disciplinas preferidas são as que mais directamente estão ligadas às áreas de estudo nas quais estão integrados. No entanto, os jovens graffiters que têm disciplinas associadas à expressão plástica, assinalam-nas como preferidas; referem que o seu aproveitamento é «bom» e «excelente»; e que o seu talento é reconhecido pelos professores dos quais, pontualmente, recebem elogios. Mencionam, ainda, que as

aprendizagens e conhecimentos adquiridos nestas disciplinas são utilizados na pintura de graffitis.

Os espaços onde os graffiters têm a sua vida escolar são frequentemente utilizados na realização de pinturas, principalmente, as traseiras dos edifícios, as paredes dos ginásios, as casas de banho, os balneários e ainda outros espaços escolhidos ao acaso. Habitualmente, estas pinturas são feitas clandestinamente, procurando não captar a atenção de professores ou funcionários da escola. No entanto, alguns graffiters escolhem os locais de acordo com critérios próprios da cultura graffiti, e por isso, nem sempre encontram interesse assinalável nos espaços da escola.

Ser jovem graffiter

Os dados obtidos revelam que para os jovens graffiters o graffiti é: (1) *um meio de expressão artística*, porque permite a expressão pessoal, é uma expressão cultural e é uma forma de comunicação; (2) *um meio de afirmação*, na medida em que permite ao graffiter ser admirado, ser visto como «diferente» e mostrar o seu posicionamento sobre acontecimentos sociais; (3) *uma forma de obter rendimentos*, através da realização de pinturas em estabelecimentos comerciais e recintos desportivos; e (4) *uma forma de entretenimento*, pois é uma actividade que dá prazer, diversão e é um *hobbie*.

Relativamente ao *tagging* (que consiste em assinalar a passagem ou a presença com a escrita do nome (*tag*), utilizando um marcador ou tinta em spray), os jovens graffiters referem que esta forma de pintura não é graffiti, embora aceitem que, através dela, alguns jovens pretendem manifestar uma atitude, marcar uma presença ou a passagem de alguém. Defendem que esta forma de pintar, que habitualmente é praticada por principiantes que querem ser vistos como graffiters, prejudica a imagem e o estatuto que o graffiti pretende alcançar, isto é, contribui para que o graffiti seja visto de uma forma depreciativa e não seja reconhecido como uma forma de expressão artística.

De acordo com os entrevistados, a iniciação à pintura de graffitis ocorre entre os 12 e os 18 anos, embora a idade de 14 anos seja a mais mencionada. As razões que motivam esta iniciação são: (1) a *influência dos outros*, ou seja, o conhecimento de outros jovens que já faziam graffitis, que os incentivam para uma primeira experiência e (2) o facto de o graffiti ser visto como *meio de expressão artística* cujos resultados são visualmente interessantes e através do qual é possível exprimir o que se sente, dar

visibilidade a trabalhos feitos noutras técnicas de expressão plástica e mostrar aos outros as suas capacidades artísticas.

Os conhecimentos necessários à prática da pintura de graffitis são adquiridos: (1) explorando técnicas, procurando criar um estilo próprio, fazendo desenhos e praticando muito, isto é, de modo autodidacta; e (2) observando graffitis em murais / paredes, na internet, em livros, em videos e em revistas da especialidade.

A frequência com que os graffiters se envolvem na realização de pinturas é determinada pela disponibilidade de tempo e pela disponibilidade de dinheiro para a compra dos materiais (tintas em *spray*). Os dados recolhidos indicam que os jovens graffiters pintam ocasionalmente, muitos deles uma vez por semana (normalmente ao fim de semana), embora, numa fase de iniciação, pintar muitas vezes e em muitos espaços seja determinante para a construção da imagem enquanto graffiter.

As razões que levam os graffiters a pintar uma parede prendem-se, sobretudo, com a vontade de transmitir mensagens e de vivenciar diferentes sensações. Estas razões confirmam a ideia de que os jovens que tendem a ingressar em culturas juvenis “performativas”, buscam o prazer, a aventura, o imprevisto e a expressão (Pais,1999). Qualquer pessoa pode ser graffiter. No entanto, foram considerados requisitos necessários, ter capacidades artísticas e «ter o espírito» da cultura graffiti.

Os espaços para a realização de graffitis são habitualmente paredes de edifícios, em locais indiferenciados. Estes espaços são escolhidos em função da sua localização e do aspecto da superfície, ou seja, devem permitir uma boa exposição das pinturas, devem ser de difícil acesso (pois permitem ao graffiter fazer prova da sua ousadia) e devem localizar-se onde não seja frequente a passagem da polícia. As paredes brancas, de grandes dimensões, altas e com superfície regular são características determinantes na selecção dos espaços, pois interferem no aspecto final das pinturas. Para pintar, os graffiters utilizam tintas em *spray* e algumas ferramentas e utensílios, sobretudo, para a execução de técnicas de pintura e para protecção. Alguns graffiters praticam outros meios e técnicas de expressão plástica para além do graffiti, sobretudo, o desenho (é utilizado nos estudos e projectos para as pinturas).

Para Dennant (1997) o graffiti representa o desejo e a necessidade de comunicação do Homem. A análise dos dados mostra, com efeito, que é a vontade de comunicar que motiva o envolvimento destes jovens nesta actividade. Na comunicação procura-se envolver «a sociedade em geral» e também outros que se identifiquem com a cultura graffiti. À «sociedade em geral», os jovens graffiters

procuram falar de paz, de felicidade, de compreensão; transmitir alegria dando cor e «vida» às paredes; emitir protestos contra algo; focar os problemas da sociedade; e mostrar a sua visão do mundo; afirmar que o graffiti é uma forma de arte pertencente ao *Hip Hop*; explicar que pintar graffiti não deve ser crime; pedir o respeito pelo graffiti; e afirmar a sua presença. Quando os «destinatários» são outros graffiters, as mensagens servem essencialmente para enviar *props* (dedicatórias); afirmar a sua pertença à cultura graffiti; e por último, insultar quem estraga os graffiti de outros.

O conteúdo das mensagens é um dos aspectos que os graffiters apreciam numa pintura. No entanto, o seu interesse visual, a exploração das técnicas e a originalidade das formas, são os «parâmetros» considerados mais significativos.

O reconhecimento de qualidades artísticas e de qualidades pessoais são as características com as quais os graffiters se «qualificam» mutuamente. Estas parecem ser também as expectativas, ou antes, os requisitos, que definem o colectivo dos praticantes da pintura de graffiti e que determinam o sentido de pertença. Ser conhecido por ter bons trabalhos de graffiti e por ter talento são os atributos que trazem aos graffiters maior realização. As qualidades pessoais mais valorizadas e que têm uma considerável importância nas relações interpessoais dos jovens graffiters entrevistados são a amizade, o espírito de união e a diversão. No entanto, alguns graffiters dizem que são indiferentes ao modo como são vistos pelos outros graffiters e que, por isso, actuam com discrição e não se expõem. Este facto mostra que nem sempre é procurada a conformidade, ou seja, a «tendência para se adoptar o mesmo comportamento ou atitudes dos outros membros do grupo» (Ferreira e Ferreira, 2000, p.202). Este facto sugere, ainda, uma certa «afirmatividade», auto-confiança e autonomia da parte destes jovens.

Conforme já foi referido a pintura de um graffiti consiste na escrita / pintura da *tag* (nome). Este nome constitui-se como um «heterónimo», ou «nome artístico» do graffiter e é a sua «marca», a sua imagem. A pintura do nome incorpora também determinados estilos (por exemplo, o *wildstyle*) o que por vezes, o torna apenas legível para quem conhece ou pertence à cultura graffiti. Para os graffiters é importante que a autoria das pinturas seja sempre reconhecida. Para os jovens graffiters entrevistados, os significados associados à palavra e o interesse visual do conjunto de letras são alguns dos critérios que determinam a escolha do nome, podendo cada graffiter ser identificado por um ou vários nomes. As razões pelas quais os jovens graffiters querem que os seus «heterónimos» sejam vistos, lidos e, conseqüentemente,

«famosos», prendem-se com a vontade de afirmação e de tornar conhecida a sua pertença à cultura graffiti. As respostas obtidas mostram ainda que os jovens graffiters são atraídos pelas sensações que provoca o acto de pintar, sobretudo em espaços ilegais. A adrenalina, o medo, o prazer, a liberdade e o espírito de união (no caso das pinturas realizadas em grupo), foram algumas das sensações mencionadas.

Para os jovens graffiters é importante recolher opiniões sobre as suas pinturas. Neste caso, funcionam como «outros significativos», os outros graffiters pertencentes a vários contextos: os conhecidos, os do grupo (*crew*) e outros que observam as pinturas através da internet.

Para alguns entrevistados, a sua pertença à cultura graffiti é vista como «temporária», sugerindo que a diversidade de papéis a desempenhar enquanto adultos irá trazer outros gostos, ideias e, conseqüentemente, outros comportamentos. Para outros, a pintura de graffiti é algo que irão fazer «até morrer».

A roupa do estilo *streetwear* marca o «visual» adoptado pelos graffiters. O uso de roupa funcional, larga e confortável, os bonés, os gorros e os ténis de marca caracterizam a sua imagem.

De acordo com os entrevistados, a internet possibilita diversas formas de interacção às quais os graffiters recorrem com frequência. Neste estudo foi possível perceber que a utilização desta tecnologia entre graffiters é constante e que existem redes de sociabilidades que se concretizam no ciberespaço (comunidades virtuais). Estas redes desenvolvem-se em diversas escalas: à escala das *crews* amigas, das *crews* de uma zona, de diferentes regiões e à escala mundial. Ao «navegar» pelos diversos *websites* dedicados ao graffiti, é possível perceber uma certa «competição»: é importante ter um *website* com interesse visual, com animações, sons e os «últimos» graffiti realizados. Poder-se-á dizer que «estar na internet» faz parte da aceitação, aprovação e reconhecimento de um graffiter, ou de um grupo dentro da comunidade graffiter.

A importância do grupo

As respostas obtidas em questões que tiveram por objectivo analisar o papel do grupo na cultura graffiti mostram que, se para ser graffiter não é necessário pertencer a um grupo (*crew*), a pintura de graffiti é, no entanto, predominantemente praticada em grupo. Para os jovens entrevistados, o grupo de graffiters distancia-se da ideia de grupo de jovens, pois rege-se por algumas convenções comuns ao universo da cultura

graffiti, e também se distancia da idéia de *gang* (à qual associamos uma marginalidade muito acentuada e a prática de crimes mais graves), pois, como já referimos, os graffiters são habitualmente, jovens com uma inserção social normal.

Por vezes, no grupo de graffiters (*crew*) existem hierarquias. O estatuto de líder é justificado pelo forte reconhecimento de qualidades artísticas, pelo papel na fundação do grupo ou pelo facto de «ser mais velho». Os factores que condicionam a admissão de novos elementos nos grupos de graffiters (*crews*), prendem-se essencialmente com o conhecimento que têm sobre a cultura graffiti, as atitudes positivas para com o grupo e a identificação com as suas ideias, o que parece estar de acordo com Raymond-Rivier (1975), quando afirma que um elemento só se torna integralmente membro do grupo depois de ter provado as suas capacidades. As respostas obtidas em diversas questões permitiram identificar alguns valores sociais que os graffiters manifestam para com os seus pares, sendo estes muitas vezes condições necessárias ao relacionamento entre graffiters e ao funcionamento do grupo. Poder-se-á dizer que existe uma tendência para se agir de modo a ser bem visto aos olhos dos outros – neste caso, outros graffiters - ou a merecer o seu respeito, estima e consideração. A amizade, o respeito, o companheirismo, a lealdade para com o grupo, a humildade, o espírito de união, a partilha de materiais e de espaços, saber fazer críticas construtivas foram alguns dos aspectos focados.

No grupo de graffiters (*crew*), as regras situam-se ao nível do relacionamento interpessoal (o respeito, a igualdade de direitos e deveres, a amizade, a aceitação das orientações do líder e a fidelidade ao grupo) e da partilha dos princípios e posições do grupo (o respeito por alguns espaços, a luta pelo reconhecimento do grupo, a evolução contínua da qualidade dos graffiti, dignificar a cultura graffiti e não danificar os graffiti de outros). Os graffiters gostam de ser vistos de forma positiva pelos seus pares. As características das pinturas, o modo como se relacionam e a capacidade de correr riscos determinam a sua valorização dentro do grupo.

Os membros de um grupo (*crew*) são geralmente residentes na mesma zona, e encontram-se em locais diversificados como a escola, os cafés, os bares, na rua (nas zonas que envolvem as residências), nos centros comerciais e nos parques. Os grupos praticam também outros tipos de actividades como ir à discoteca, ouvir e compor música, andar de *skate*, entre outras. Os conflitos e rivalidades que possam existir entre grupos, são geralmente motivadas pela disputa de espaços, pela escrita de frases insultuosas ou pela cópia de formas ou estilos. A resolução destes conflitos pode

passar pelo *cross* (danificar as pinturas) e mesmo pelas agressões físicas (é de salientar que esta solução não foi claramente assumida).

Um outro aspecto a considerar é a «filosofia» do grupo, ou seja, o conjunto de ideias partilhadas pelos membros do grupo. Estas ideias, que poderão figurar nas pinturas, funcionam como «princípios orientadores» para o grupo e reforçam a sua coesão.

De acordo com Marques *et al.* (1999), a actuação dos graffiters oscila entre as dicotomias: crime e arte; transgressão e sedução estética; marginalidade e aceitação. Estas são determinadas, principalmente, pela selecção e utilização dos espaços na realização de pinturas.

Os dados obtidos nesta pesquisa, confirmam que o facto de uma actividade implicar desrespeito às leis é muitas vezes a razão de ser do seu aspecto atraente, isto é, indicam que os graffiters preferem, principalmente, os espaços e locais que incorporam transgressões à lei. Em termos dos valores morais, parece estarmos perante uma perspectiva sócio-moral em que a sociedade é, sobretudo, pensada em função de interesses pessoais ou individuais. No entanto, os graffiters da nossa amostra defendem, também, uma espécie de «código de honra» que salvaguarda a «invasão» de alguns espaços, tais como monumentos, igrejas, cemitérios e edifícios privados (prédios e vivendas). O respeito por alguns espaços sugere a consideração de alguns direitos e deveres, correspondendo este aspecto à perspectiva sócio-moral de alguém que vive em sociedade, mas «que subordina as necessidades individuais ao ponto de vista e às necessidades do grupo» (Kohlberg, 1976).

Os dados mostram, ainda, que alguns graffiters têm consciência de que violam a propriedade de outras pessoas. Na opinião de alguns, apesar da natureza transgressiva do graffiti, procuram não prejudicar ninguém, preferindo as paredes dos «espaços públicos» cujos proprietários têm um carácter «anónimo» e «colectivo» (no qual os próprios graffiters se incluem). Este critério é considerado uma atenuante - pois serve o interesse de um maior número de pessoas, não atingindo ninguém directamente - e uma boa justificação para o não cumprimento das normas. Revela, contudo, um juízo moral que não considera as várias perspectivas sociais.

Para os graffiters entrevistados, a necessidade de expressão e a vontade de mostrar as capacidades artísticas são vistas como direitos, e justificam o desrespeito pelas regras e leis que existem. Os graffiters consideram que o graffiti é uma infracção justificável e que as leis «espartilham» uma expressão que foi uma das primeiras

formas de comunicação utilizadas pelo Homem. Neste sentido, os graffiters consideram que as pessoas deviam tentar compreender a cultura graffiti e, conseqüentemente, fazer com que as suas acções não fossem punidas.

Os jovens graffiters reconhecem também que pintar num local autorizado tem algumas vantagens relativamente à utilização ilegal dos espaços. No entanto, este tipo de pinturas, que poderão ser mais complexas, pois permitem a exploração de técnicas que exigem mais tempo, não consente a vivência da cultura graffiti em pleno. As sensações vividas no momento em que se contrariam as regras e se correm riscos constituem desafios que atraem os jovens graffiters.

Em síntese, os dados revelam que os graffiters têm a noção de que causam danos em propriedades de outras pessoas, mas que mesmo assim, continuam a fazê-lo. Em termos dos valores morais, estes dados sugerem que os graffiters distinguem perspectivas, mas que prevalece o ponto de vista dos interesses individuais. Alguns referem, contudo, que respeitam sempre a propriedade dos outros e que por isso não utilizam os seus espaços. Neste caso, poder-se-á dizer que no balanceamento de perspectivas, a hierarquização do ponto de vista resulta em favor de uma terceira pessoa.

Perante a hipótese de os proprietários autorizarem a realização de pinturas nos seus espaços, os jovens da amostra dizem que não deixariam de preferir os espaços proibidos. Defendem, ainda, que as características das paredes condicionam a selecção dos espaços, independentemente de estes serem autorizados ou proibidos. Estes dados sugerem que, em termos dos direitos e deveres em relação a certos bens, os jovens graffiters tendem a considerar justo ou injusto aquilo que melhor serve os seus interesses.

Apesar de revelarem que gostariam que os graffiti fossem apreciados com respeito e admiração, os entrevistados reconhecem que a situação de legalidade e ilegalidade possibilita uma maior realização pessoal, por isso, alguns afirmam que perderiam o interesse pelo graffiti se este fosse aceite e se o acto de pintar não significasse uma transgressão às leis. Sobressai a ideia de que o facto de a pintura de graffiti conduzir à punição, a torna mais aliciante e mais desafiante.

Para concluir, os resultados encontrados revelam que os jovens graffiters têm características específicas que decorrem da sua inserção numa subcultura com uma especificidade própria. Estes jovens pretendem proteger e prestigiar a imagem pública

do graffiti enquanto forma de expressão artística, e que esta, seja aceite e compreendida como uma iconografia da contemporaneidade.

Bibliografia

- DENNANT, P. (1997). *Urban expression...Urban assault...Urban Wildstyle...New York City Graffiti*, American Studies Project, Thames Valley University, London
<<http://www.graffiti.org>> (23/01/03).
- FERRÃO, H. (2001). Graffiti - Mestiçagem imagética dos não lugares. *Arte Teoria*, 2, 156-175.
- FERREIRA, J. & FERREIRA, A. G. (2000). A adolescência e o grupo de pares. In M.T. Medeiros (org.), *Adolescência: Abordagens, Investigações e Contextos de Desenvolvimento* (pp. 198-209). Lisboa: Direcção Regional da Educação.
- GEJO (s.d.). *Graffiti - Um pouco de História*,
<<http://www.2.vol.com.br/manuscrito/materiais/004.shtml>> (23/01/03)
- KOHLBERG, L. (1976). Moral Stages and moralization: The cognitive developmental approach. In T. Lickona (org.), *Moral Development and Behavior, Theory, Research and Social Issues*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- LARA, A. H. (1996). *Grafite arte urbana em movimento*. Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- MAGUETA, L. G. (2004). *Quem são os jovens graffiters de Lisboa?*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- MARQUES, F., ALMEIDA, R. & ANTUNES, P. (1999). A cultura dos jovens graffiters. In J.M. Pais (org.), *Traços e riscos de vida* (pp.175-211). Porto: Ambar.

PAIS, J. M. (1999). Comportamentos dos adolescentes de hoje: resultados de alguns estudos. In M. Pinto, J.C.Tedesco, J.M. Pais, & A.P. Relvas, *As pessoas que moram nos alunos – Ser jovem, hoje, na escola portuguesa* (pp.49-73). Porto: Edições ASA.

REYMOND-RIVIER, B. (1975). *O Desenvolvimento Social da Criança e do Adolescente*. Lisboa: Editorial Áster.

VARNEDOE, K. & GOPNIK, A. (1990). *High & Low, Modern Art and Popular Culture*. New York: Museum of Modern Art.